



A evolução gráfica do livro e o surgimento dos *e-books*¹

Isabel Chaves Araújo MESQUITA²
Mariana Guedes CONDE³
Universidade Estadual do Piauí, UESPI

RESUMO

Este artigo aborda inicialmente os processos de produção do livro desde as primeiras manifestações gráficas passando pelo surgimento da escrita, até seus mais recentes produtos: os livros eletrônicos ou *e-books*. Estes últimos são apresentados em comparação com o livro impresso no que diz respeito principalmente à rentabilidade, publicação, distribuição e edição do produto. Por fim, é feita uma breve reflexão acerca das perspectivas da literatura cibernética na sociedade brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Livro; História; Produção editorial; *E-books*; Internet.

Há uma infinidade de conceitos para o que chamamos livro. Basicamente, ele consiste em um registro gráfico de informações, não periódico, capaz de ser estudado ou interpretado e com profunda significação cultural. As manifestações gráficas ao longo da história da humanidade passaram por diversos estágios até chegar à forma atual do livro e a evolução desses processos reflete características socioeconômicas e culturais de suas épocas.

Os primeiros registros escritos datados de 4.000 a.C. marcam o fim da Pré-história e o início da História da humanidade. Inicialmente “pictográficos”, relativos a desenhos, e/ou “escultóricos”, relativos a esculturas, como manifestações de uma mensagem sem referência a sua forma lingüística propriamente dita, eles eram feitos sobre pedra, argila ou madeira - materiais pesados, de difícil manuseio e armazenamento.

A partir do ano 2.400 a.C. um novo material começa a ser utilizado no Ocidente, primeiramente no Egito: o papiro. Obtido utilizando a parte interna,

¹ Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Editoração, do Iniciacom, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.

² Graduada em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI), especialista em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Psicopedagogia pela Universidade Cândido Mendes (UCAM), email: celsocarolbel@globo.com.

³ Estudante de Graduação 2º. semestre do Curso de Comunicação Social da UESPI, email: mariana_guedes@hotmail.com



branca e esponjosa, do caule do papiro, ele era cortado em finas tiras posteriormente molhadas, sobrepostas, cruzadas e prensadas. A folha obtida era martelada, alisada e colada ao lado de outras folhas para formar uma longa fita que era depois enrolada. A escrita dava-se paralelamente a essas fibras. Apesar do engenhoso processo de “fabricação”, ele foi usado durante muito tempo e ainda hoje guarda valiosos escritos daquela época. Nesse contexto, surgem os *volumens* – cilindros de papiro, facilmente transportados e armazenados em cofres denominados *bibliothéke* ou depósito de livros.

No século XI a.C. o pergaminho, produzido a partir de couro animal e mais fácil de ser obtido, substitui o papiro sendo inicialmente também organizado em *volumens*. Após o século I da era cristã folhas de pergaminho passam a ser agrupadas em páginas seqüenciadas, costuradas e amarradas a tábuas de madeira, que funcionavam como capa - e que por vezes eram ornamentadas - dando origem aos primeiros livros. Aproximadamente no início do século XII o papel, de produção mais fácil e mais econômica, passa a compor o livro, ao mesmo tempo em que ocorre o início do processo de popularização da escrita.

No entanto, o acontecimento que marcou a história do registro gráfico se dá em 1448 quando Johannes Gutenberg cria os tipos móveis de metal ou a prensa de tipos móveis⁴: a primeira “impressora”. Letras de chumbo, uma a uma, eram montadas em palavras, linhas e páginas podendo ser substituídas quantas vezes fosse necessário - o que possibilitou a correção de erros e o reuso dos tipos. A velocidade de produção dos registros torna-se superior a dos manuscritos e de melhor qualidade. O livro finalmente ganha o aspecto que tem hoje e a nova forma de produção ocasiona um barateamento e uma conseqüente popularização do novo material. Posteriormente, surgem novas e mais eficientes formas de impressão (como a impressão em *offset* e a impressão digital) até se chegar ao que temos hoje, inclusive com grande aprimoramento das capas e encadernações.

Na sociedade em que vivemos informação é sinônimo de dinheiro e poder e quanto mais fácil e rápida for a sua obtenção, melhor. Isso explica o grande crescimento de meios como a internet e o aparelho celular, os quais trazem informações instantâneas, sucintas e selecionadas.

⁴ Há indícios de que os tipos móveis tenham sido utilizados antes de Gutenberg. O seu diferencial, no entanto, está no desenvolvimento de um equipamento de impressão.



Com o advento da internet e o conseqüente surgimento de novas tecnologias, o mundo literário alcançou o mundo digital (ou foi o contrário?) originando o que chamamos *e-books*.

E-books ou *eletronic books* são publicações digitais ou livros eletrônicos e estão disponíveis na *web* em vários formatos que podem ser descarregados para o computador através de *downloads*. Em 1971 Michael Hart já disponibilizava *e-books* on-line em formato *txt*. através do Projeto Gutenberg⁵. Mas somente por volta de 1998 são lançados os primeiros dispositivos ou *softwares* de leitura digital: os *e-books reader device*. Tais aparelhos permitem a leitura desses livros numa tela plana de cristal líquido colorido, portátil e com grande capacidade de armazenamento. O aparelho possui funcionalidades como paginação, mudança de orientação de página, marcação de página, destaque de texto, anotações do leitor, busca por texto, além de luz interna para leitura no escuro. A maioria desses recursos não pode ser usada no exemplar de papel, o que confere outra vantagem ao livro digital.

Os processos de seleção de textos, revisão, edição e publicação de livros através dos meios digitais resultam de um curso histórico natural: a realidade vigente é dominada pelo crescimento das tecnologias digitais e não há surpresa na inserção do livro nesse contexto. É algo análogo ao surgimento dos tipos moveis no século XV, os quais trouxeram vantagens e desvantagens ao processo de produção e obtenção do livro juntamente com as novas formas de edição.

A facilidade de publicação e obtenção dos títulos digitais tem atraído vários autores e leitores ocasionando a formação de uma nova classe editorial. O novo editor surge com alguns papéis que permanecem em relação à edição do livro impresso e outros inteiramente novos. Nessa perspectiva, Epstein (2002, p.39) afirma que:

Não se pode prever o futuro dessas tecnologias para o mercado editorial em detalhes, mas os seus efeitos gerais serão permitir aos leitores e aos escritores um acesso bem mais direto entre si do que o possível no passado e desafiar as editoras a reconhecerem a redução de suas funções e se adaptarem à nova realidade.

⁵ Espécie de biblioteca digital que disponibilizava *e-books* gratuitamente. Project Gutenberg:
<http://www.promo.net/pg>



Atualmente a principal relação estabelecida entre as editoras convencionais e as digitais se encontra na comercialização das obras: obras impressas vendidas como *e-books*, no formato digital; e livros digitais, vendidos impressos. A venda destes últimos pela internet tornou-se nos últimos anos um negócio bastante comum e rentável. Ou seja, impressos são comercializados através das livrarias ou de sites especializados na *web*, mas os *e-books* estão disponíveis apenas através de *downloads* ou em CD, deixando claro que ainda não há espaço para o livro digital nas livrarias.

E quais as principais vantagens e desvantagens do livro eletrônico em relação ao livro impresso?

Quanto à rentabilidade, a principal vantagem do *e-book* é a possibilidade de impressão de edições com tiragem reduzida, o sistema de impressão sob demanda. Só se imprime o que é encomendado. Dessa forma as editoras tornam-se mais livres para investir em outros autores, inclusive os novos, sem o risco de um prejuízo no caso de rejeição pelos leitores.

Outro aspecto importante é a facilidade de armazenamento dos *e-books*, solucionando o problema gerado pelo acúmulo de material nas prateleiras e o pouco espaço disponível para guardá-los. Eles podem ser facilmente transportados e transferidos de um aparelho a outro sem necessidade de eliminação de nenhum.

Na editoras de livros impressos há um critério de seleção de obras e autores baseado em princípios econômicos, ou seja, no potencial de venda de determinada obra. Já nas de livros digitais esse aspecto não é tão relevante, visto que a finalidade lucrativa ou não da obra parte do autor e o editor passa a assumir outras funções tais como: o registro na Biblioteca Nacional (ISBN - *International Standard Book Number*, que identifica numericamente os livros segundo o título, o autor, o país, a editora e inclusive por edição.), a digitalização dos originais, a revisão gramatical, a digitalização das imagens, a criação do livro digital em formatos variados, a hospedagem dentro do site da editora, além da divulgação e distribuição. Alguns desses serviços não geram custos adicionais ao autor que começa a dominar os conhecimentos básicos de produção de um *e-book* submetendo facilmente obras literárias ao acesso na grande rede, sendo a qualidade do trabalho final o grande diferencial. Assim, a facilidade na edição e publicação dos *e-books* tornou-se uma alternativa para autores que não querem ou não podem contratar os serviços de uma



editora. Quanto à publicação, é bem mais rápida, mais barata e simples no meio digital.

Com base no grande crescimento e popularização da internet é possível afirmar que a literatura nunca teve antes um espaço tão vasto para se manifestar. Ou seja, há uma quantidade incalculável de títulos nas “prateleiras virtuais”. Essa avaliação é também feita por Epstein (2002, p.105), ao enfatizar que “(...) a internet, ao conectar leitores e escritores uns aos outros, oferece a possibilidade de uma quase ilimitada escolha e prenuncia uma estimulante cultura literária”.

As velocidades de circulação de informações e de retorno são bem maiores no meio digital, onde as obras atingem maior alcance que os impressos. No entanto, o acesso à internet e a outros meios digitais no Brasil ainda é bastante restrito, o que exclui muitos brasileiros da chamada democratização da informação. Isso porque além do preço, a necessidade de aquisição de um *hardware* torna esse acesso ainda mais difícil.

Ao compararmos as formas de publicação dos meios eletrônicos com as dos meios impressos, chegamos inevitavelmente à questão ecológica visto que a principal vantagem do livro eletrônico sobre o impresso é a não utilização do papel (o que evita o sacrifício de árvores), de tinta e de água, o que os torna mais baratos, além de ecologicamente corretos. No entanto, convém enfatizar que a utilização do livro impresso não despende tanta energia quando o livro digital.

A queixa mais comum dos leitores de livros digitais é o cansaço da visão provocado pela leitura feita através da tela, o que a torna incômoda e difícil. Os *displays* de cristal líquido (LCD) amenizam este efeito, mas custam até três vezes mais que os monitores de raios catódicos (CRT), mais comuns e que pela emissão constante de brilho e radiação submetem nossos olhos a um verdadeiro estresse ocular. Isso faz com que a maioria dos leitores prefira ler a obra impressa.

É perigoso afirmar a total substituição do livro impresso pelo digital nos próximos anos. Caso aconteça, este será um processo lento que deverá acompanhar a formação de novas gerações de leitores. Abrir mão da textura do papel, da comodidade de poder utilizá-lo sempre, do contato íntimo com o que está escrito são ações que requerem tempo e conseqüente aquisição de novos valores. O *e-book* tornou-se uma alternativa viável em alguns casos e em outros não, assim como o



livro impresso. Comungando com a idéia de Chartier (1998), o livro apresenta-se de maneiras plurais, sendo a eletrônica apenas uma delas. Ou seja, é uma forma de convivência e complementação entre o tradicional e o novo neste cenário de mudanças cada vez mais profundas no que se refere aos livros ou objetos de leitura.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. 159p.

EBOOKCULT. Disponível em: <<http://www.ebookcult.com.br/>> Acesso em: 19 de abril de 2008 às 20:02.

EPSTEIN, Jason. **O Negócio do Livro: Passado, presente e futuro do mercado editorial** (Tradução: Zaida Maldonado). Rio de Janeiro: Record, 2002.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. São Paulo: EDUSP, 1985.

PROJECT GUTENBERG. Disponível em: <<http://www.promo.net/pg/>> Acesso em 15 de abril de 2008 às 12:50.

REIMÃO, Sandra. **Mercado editorial brasileiro**. São Paulo: Com-Arte: Fapesp, 1996.

REIMÃO, Sandra. **Estudos sobre a produção editorial e história dos livros no Brasil** – algumas observações. I Seminário Brasileiro sobre livro e História Editorial – Rio de Janeiro, 2004.

RIBEIRO, Amanda do Prado. **O livro eletrônico e transformações na Industrial Editorial**. I Seminário Brasileiro sobre livro e História Editorial – Rio de Janeiro, 2004.